

“As duas faces de Eva” de Margarida Botelho

Luciane Fernandes Martins¹

Raquel Terezinha Rodrigues²

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo o livro *Eva* de Margarida Botelho, que nos mostra através da história documental, duas meninas com o mesmo nome, de culturas e lugares diferentes, se encontram em um lugar comum: a televisão.

Pretende-se, abordar questões que envolvem não somente a vida cotidiana das Evas, uma das personagens principais do livro. Como Eva, são as duas crianças, abordaremos apenas a Eva de Moçambique verificando como a história pessoal da personagem se mescla com a de seu país.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o livro *Eva*, da autora Margarida Botelho. A autora nasceu em Portugal, em 1979. Licenciada em arquitetura e Mestre em SequentialDesing/Illustration pela Universidade de Brighton, desde 2005 publica livros para o público infanto-juvenil. Como escritora e ilustradora tem seis livros publicados em Portugal: “*Os Lugares de Maria*”, “*A Casa da Árvore*”, “*A Coleção*”, “*As Cozinheiras de Livros*”, “*Eva*” e “*Yara*”.

“*Os Lugares de Maria*” e “*Eva*” estão publicados no Brasil pela editora Paulinas. Atualmente trabalha com a Unesco como arte-educadora em projetos de intervenção comunitária, através da arte desenvolvendo uma nova coleção de livros *Poka-Pokani* em Moçambique, no Brasil, na Indonésia e na Índia.

É importante mencionar que a obra *Eva* foi publicada em 2012 em Portugal e no Brasil, e é parte de um projeto artístico de intervenção comunitária, se baseia em histórias pessoais, originárias de países de língua portuguesa e outros. É uma história documental, dividida em duas culturas, uma de Portugal e outra de Moçambique. São duas meninas, chamadas “Eva” que são diferentes e ao mesmo tempo iguais, a história começa em lados opostos do livro rumo ao encontro, no centro.

Segundo Botelho, falar da história da África por meio de uma criança foi para nos mostrar que elas se abstêm de qualquer julgamento, são inocentes em seus encontros com outras pessoas, conseguimos celebrar as diferenças de uma maneira bem divertida e interessante, no mundo da televisão, no qual as Evas irão se encontrar.

¹Acadêmica do 3º ano do curso de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO – PET Letras

²Profª Drª Orientadora

Neste trabalho vamos abordar a Eva de Moçambique, é importante ressaltar como sua história pessoal se mescla com a história do país. A autora viajou para Moçambique e viveu por lá, por quase um ano vivendo em um campo de refugiados, vivendo da maneira como eles vivem, para ela, a melhor forma de se comunicar era através de histórias, diários de cada criança. Sendo assim, Eva foi produzida a partir de desenhos, escritos, relatos e vivências dos próprios moradores, não só das crianças, mas de adultos também. Botelho aprendeu muito sobre as culturas e também sobre ela mesmocom sua vivência no campo de refugiados em Moçambique. O país está situado no Sudeste de África. Foi colonizado pelos Portugueses no Século XVI, séculos mais tarde, no Século XIX, a colônia se estendeu para o interior do País. Em 1975, foi o ano de luta, Moçambique conseguiu a sua independência. Depois da independência, a guerra civil se apoderou do país, uma guerra entre a FRELIMO e a RENAMO. Esta guerra durou quase duas décadas até 1992 e deixou o país numa crise econômica.

Utilizaremos como referencial teórico os textos de Fredric Jamenson, em seu *Inconsciente político*, no qual ele prioriza o contexto histórico propondo um modelo interpretativo que analisa o texto levando em consideração as estratégias de contenção. Com o objetivo de analisar o cotidiano de Eva, procuramos verificar como sua história pessoal se junta com a história do país.

Eva, conta a história de duas meninas que moram em lugares diferentes, uma no continente africano e outra na Europa e retrata as diferenças sócio-culturais através das experiências vividas por crianças. As histórias começam em lados opostos do livro, e cada Eva tem uma forma diferente de agir em seu cotidiano, e cabe ao leitor notar as diferenças e semelhanças no modo de agir de cada uma delas. No centro do livro temos o tão esperado encontro dessas Evas, que se dá através da televisão, e somos todos convidados através do jogo dos encontros, fazer parte da história.

Por ser uma obra contemporânea essa busca por respostas torna-se importante, tratando-a de maneira clara e objetiva, em que o maior enfoque será dado a Eva de Moçambique, prevalecendo à visão do cotidiano da menina africana. Podendo destacar um pouco de sua cultura:

-Hum. Hum...que fome!
Tenho de ir buscar mais lenha para o fogão;
a mandioca ainda coze, vou pilar a farinha, preparar a galinha,
ralar o coco, descascar os amendoins...(EVA,2012, p.3)

É importante destacar que *Eva* de Moçambique, faz parte de um país de poucos recursos, onde tudo torna-se difícil, até um simples ato diário, toma uma proporção muito grande.

Em *O Inconsciente Político*, de Fredric Jameson, podemos destacar o contexto histórico presente em *Eva*, mesmo que implicitamente, temos assim, uma noção de classe social: “quando trazemos para a superfície do texto a realidade reprimida e oculta dessa história fundamental – a da luta de classes – que a doutrina de um inconsciente político encontra sua função e sua necessidade” (JAMESON, 1992, p. 18).

A hermenêutica proposta por Jameson aconselha a fixar o texto em um horizonte mais amplo que inclui as condições sociais, políticas e históricas da produção textual, sendo assim, é uma tentativa de romper com os métodos idealistas e formalistas que acabam por objetivar o texto, solidificando-o no processo histórico.

De acordo com Raquel Terezinha Rodrigues, para Jameson um texto é abordado por camadas de interpretações prévias, e nunca de imediato, e a interpretação é como um ato alegórico que funda-se na reescrita e na abertura de um determinado texto a múltiplos significados a partir de um código interpretativo específico. Propõe um modelo de interpretação que considere a história para interpretar os romances de maneira mais completa e para reescrever modelos de análise.

Conforme Rodrigues, o crítico faz uma proposta para dar prioridade a interpretação política dos textos literários, Jameson salienta que esse método não seja um auxiliar opcional de outros que estão em uso.

EVA: a criança de Moçambique no seu dia-a-dia

Segundo Oliveira, podemos compreender literatura infanto-juvenil dentro do ponto de vista de Nelly Novaes Coelho (1993, p. 24), que a concebe como: “fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e seu possível/impossível realização”. Esta definição ampla nos remete à arte da palavra e, ao mesmo tempo, à representação da “Vida” humana. Nesse prisma, Coelho entrelaça o mundo “empírico”, real e o “imaginário” (irreal, fictício). Há aí uma interface textual e não a dissensão entre arte literária e a vida humana, conforme persistiu durante algum tempo nessa complexa área de estudos.

A autora salienta que, na literatura infanto-juvenil, ainda são escassas as produções literárias destinadas a este público, também deixam a desejar. Sendo que a maioria das

produções contém muitas ilustrações, as narrativas são voltadas para outras temáticas, outros conflitos que não sejam raciais, mas sem deixar de lado a reafirmação da identidade negra.

O poeta moçambicano Francisco Noa³, reforça o que Oliveira pontua em relação à origem da literatura moçambicana, e ainda afirma que a literatura moçambicana foi escrita por brancos e colonos que lá se instalaram e ficaram fascinados com a realidade da África, começaram com as primeiras representações sobre a África e os africanos. Mas as leituras feitas, sempre foram dominadas pelo preconceito e apesar das escritas serem voltadas a África e aos africanos, a visão que prevalecia era sempre de alguém que vinha de fora e a literatura moçambicana vai nascendo a partir dessa ruptura de visão.

De acordo com Noa, os primeiros textos que começaram a se destacar, renegavam a literatura colonial, que tinha aquela visão que diminuía o homem moçambicano. Sendo assim, a literatura moçambicana era importante porque, além da função cultural, aplicava também uma função cívica e política, pois dava voz aos que não tinham, não tinham nem como expressar seus sentimentos com relação ao mundo.

Sendo assim, *Eva* embora seja um livro escrito por uma portuguesa, traz a uma proposta interessante que é o olhar do outro ao mesmo tempo que é um olhar de si.

Eva de Moçambique é apresentada ao leitor como uma das personagens principais da obra de Margarida Botelho, um livro voltado ao público infanto-juvenil, que é o primeiro da coleção POKA POKANI, e faz parte de um projeto artístico de intervenção comunitária que celebra o encontro entre diferentes mundos, sendo que a autora Margarida Botelho, faz reflexões em forma de livro após cada um desses encontros. O primeiro encontro se deu em Moçambique entre 2009 e 2010, nascendo assim o primeiro livro da coleção.

O livro tem início quando a autora desembarca em Moçambique, em um campo de refugiados com muitas famílias de vários lugares da África, e o projeto nasceu ao descobrir que a forma de comunicação mais eficaz em várias línguas era através das histórias de cada criança. Por meio das histórias, das rotinas e suas memórias, a autora foi conhecendo melhor aquele povo. Organizou seu trabalho sob a forma de oficinas, que aconteciam todos os dias na escola, num centro e num lugar de encontro da comunidade, que podia ser até debaixo de uma mangueira. As oficinas funcionam com os papéis em branco, que vão sendo preenchidos ao longo dos dias, com a história de cada um.

Eva vive uma realidade diferente de *Eva de Portugal*, mas ao mesmo tempo iguais, pois nota-se que as brincadeiras são as mesmas, apenas as formas como essas brincadeiras são executadas que são diferentes, sendo que, as crianças de Moçambique, sempre estão

³ Disponível em: <http://revistaliteratas.blogspot.com.br/2013/01/os-poetas-levarao-pelo-indico-poesia.html>

improvisando na hora de brincar e são elas mesmas, que produzem seus próprios brinquedos.

O livro Eva mostra as diferenças sócio-culturais que existem entre o mundo ocidental e africano, através das experiências das crianças, enfocando a diversidade e pluralidade existentes entre os continentes. E é inevitável o encontro das duas Evas, como se fosse um espelho, eu me vejo na outra pessoa, a curiosidade faz parte das crianças e nessa curiosidade que o encontro acontece, no centro do livro.

O leitor tem a oportunidade de perceber as coincidências e estabelecer o contraste das duas crianças, vendo que as histórias deságuam uma na outra, como um encontro.

Moçambique: um país intrigante

De acordo com Maria Nazareth Soares Fonseca (2006), o processo de formação da literatura de Moçambique não difere muito do dos demais países africanos de língua portuguesa, tendo assistido à construção, nas zonas urbanas da Beira e Lourenço Marques (agora, Maputo), de uma elite de alguns negros, mestiços e brancos que se apoderou, aos poucos, dos canais e centros de administração e poder.

No final da década de 40 e início da década de 50 Moçambique assistiu a um período de afirmação de um projeto literário, que está registrado em textos publicados em livros e em jornais. Destaca-se a importância, para a afirmação da literatura moçambicana, de projetos como o da revista Msaho (fundado em 1952), cujo nome se relaciona com um canto do povo, em língua chope, e o do jornal Paralelo 20 (1957 a 1961).

Segundo Fonseca, distinguem-se pelo menos três fases no processo de construção da literatura moçambicana: a fase colonial, a fase nacional e a fase pós-colonial. Na fase colonial destacam-se, como precursores da literatura moçambicana, autores como Rui de Noronha, João Dias, Augusto Conrado e Luís Bernardo Honwana. Entre eles merece realce Rui de Noronha, cujo livro Sonetos foi publicado em 1943, seis anos após a sua morte. A sua poesia reveste-se de pioneirismo, não pela forma, mas pelo conteúdo, uma vez que alguns dos sonetos mostram sensibilidade para a situação dos mestiços e negros, o que constitui a primeira chamada de atenção para os problemas resultantes do domínio colonial.

Uma parte significativa da produção literária moçambicana deve-se a escritores que centram a sua temática nos problemas de Moçambique e foram eles que contribuíram decisivamente para a formação da identidade nacional moçambicana, e algumas das poesias perpassa também a esperança da libertação. Esses autores contribuíram, de um modo decisivo, para a emergência da literatura da “moçambicanidade”.

A fase nacionalista caracteriza-se pela produção de uma literatura política e de combate, que foi cultivada, sobretudo, por escritores que militavam na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), sendo uma literatura que preocupa-se especialmente em comunicar uma mensagem de cunho político e, algumas vezes, partidário.

É importante ressaltar que o contexto histórico influenciou Eva, na sua vida, no seu dia-a-dia, em sua rotina, ela vive de acordo com as condições de vida que lhe são proporcionadas. Já que Moçambique é um país pobre, Eva como todos que vivem lá, valorizam todos os momentos que lhes proporcionam algum prazer.

Uma menina que nasceu e viveu em Moçambique, enfrentando diariamente todos os desafios, Eva é como todas as outras crianças de sua idade, feliz com o que a vida lhe proporciona, pois tem consciência da classe social que está inserida. De acordo com Jameson, os textos tem uma relação explícita com a produção material da realidade, e também com valores ideológicos que certificam a representação na vida dos indivíduos e sua relação imaginária com o real. E é na mente do indivíduo que o real é construído como linguagem confirmada ao próprio inconsciente.

O sentido de um texto possui uma hierarquia, a qual vai do fundamental ao superficial: econômico, social e político, e Jameson caracteriza o “político”, como interpretativo,

a história é reduzida a uma série de eventos pontuais e de crises ao longo do tempo, à agitação diacrônica do ano-a-ano, os anais semelhantes a crônicas da ascensão e queda dos regimes políticos e dos modismos sociais, e a apaixonada imediatez das lutas entre os indivíduos históricos –, que o “texto”, ou objeto de estudo, tenderá a coincidir com a obra literária individual ou o artefato cultural. (Jameson, 1992, p. 70)

É nesse sentido, que podemos classificar Eva, como uma narrativa da história factual da sociedade, pois relata o cotidiano dessa civilização e a revolução, ou não, dos costumes. São relatados de forma amena, os conflitos reais da sociedade, muito embora esses conflitos sejam vistos pelo filtro do olhar do outro, eles falam muito de si tendo em vista que nasceram de elementos significativos para os moçambicanos.

REFERÊNCIAS:

BOTELHO, Margarida. *Eva*. – São Paulo: Paulinas, 2012. – (Coleção além-mar série PokaPokani)

BOTELHO, Margarida. Disponível em: <<http://www.margaridabotelho.com/>> Acesso em 11 abr. 2013

BUALA. **Eva livro para a infância de Margarida Botelho**. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/mukanda/eva-livro-para-a-infancia-de-margarida-botelho>> Acesso em 11 abr. 2013

História Moçambique. Disponível em: <http://mocambique.costasur.com/pt/historia.html>. > Acesso em 11 de abr. 2013.

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RODRIGUES, Raquel Terezinha. **Miguel Torga: em busca do paraíso**. Universidade de São Paulo, 2009, tese de doutorado.